

LIVRO-REPORTAGEM:

UMA ABORDAGEM SOBRE A COBERTURA DA VIOLÊNCIA NO BRASIL¹

Felipe RODRIGUES²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a amplitude com que a reportagem pode ser tratada em livros-reportagem. O estudo é feito com base na Análise do Discurso e tem como objeto de análise os livros “Abusado”, de Caco Barcellos, e “Cidade Partida”, de Zuenir Ventura. Nesse trabalho, parte-se da hipótese de que o livro-reportagem estende a função do jornalismo convencional, comprometido com uma linha de produção de ritmo industrial e interesses mercadológicos e políticos já marcados. Com uma autonomia maior, o autor pode escolher a abordagem que considera mais próxima do real e, assim, poder apresentar os acontecimentos da maneira que julgar correta. As duas obras apresentam reportagens em que a pauta pode ser mais extensa, o que permite projetar angulações que possam localizar os conflitos existentes em qualquer assunto de interesse jornalístico; e uma captação mais aprofundada, que possa compreender os entrevistados. A mídia representa um determinado modo de produção discursiva, com seus estilos narrativos e suas rotinas próprias, que estabelecem alguns sentidos no processo de sua apreensão e relato.

Palavras-chave: jornalismo, análise do discurso, livro-reportagem

***Abstract:** This study aims to examine the extent to which this entry can be treated in books-report. The study is based on discourse analysis and includes the books "Abusado" by Caco Barcellos, and "Cidade Partida" by Zuenir Ventura. In this work, we start from the assumption that the book-report extends the function of conventional journalism, committed to a production line of the industrial rhythm and marketing interests and politicians are already marked. Both works feature stories in which the staff may be more extensive, which allows the design angles that can locate the conflicts in any news story, and capture a deeper, you can understand the interviewees. The media represent a particular mode of discourse production, with its narrative styles and their own routines, which provide some directions in case of his arrest and reporting.*

Keywords: journalism, discourse analysis and reporting-book

¹ Artigo redigido em outubro de 2010, com conteúdo referente a dissertação de Mesurado defendida em junho de 2010.

² O trabalho faz parte do programa em Divulgação Científica e Cultural, do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) e Nudecri (Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade).

INTRODUÇÃO

Ao tratar a violência, os meios de comunicação não conseguem, via de regra, refletir os diferentes conflitos sociais existentes em cada acontecimento. As coberturas da grande imprensa, em geral, deixam de apresentar personagens, situações, antecedentes, consequências e interligações entre diversos fenômenos relacionados ao tema. O que ocorre é uma comunicação em que as produções jornalísticas relatam burocraticamente os fatos (há exceções em suplementos especiais de jornais, programas de rádio, sites de internet e série de reportagens televisivas). A produção discursiva daí resultante faz um uso comum dos sentidos presentes nas palavras, reproduzindo o já-dito de forma corriqueira, silenciando outras significações presentes nas falas dos personagens envolvidos.

A mídia busca por atualizações cada vez mais momentâneas, notícias mais atraentes e um objetivo maior de superação da concorrência. Por conta desse panorama, há maior dificuldade para que as matérias jornalísticas a respeito do tema expliquem motivações, causas e consequências decorrentes do fenômeno. A rotina industrial dos meios de comunicação impossibilita uma busca mais aprofundada dos repórteres na elaboração das produções jornalísticas.

A mídia representa um determinado modo de produção discursiva, com seus estilos narrativos e suas rotinas próprias, que estabelecem alguns sentidos no processo de sua apreensão e relato. Desta construção discursiva ela nos devolve, sobretudo, imagens ou discursos que estão dentro de um esquema predeterminado, mantendo-se atada ao óbvio, em um movimento de repetição e circularidade que não nos fazem ir além do já-significado. Ao cobrir a violência, percebe-se que a mídia esquece muitos personagens, fatos ou privilegia determinadas angulações, além de hierarquizar a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos.

Parte-se do pressuposto de que a mídia é atualmente um dos mais importantes instrumentos sociais no sentido de produzir esquemas de significação e interpretação do mundo e que os

meios de comunicação, portanto, falam pelos e para os indivíduos (COIMBRA, 2001). São esses locais que não oferecem um adicional simbólico que não são capazes de fazer com que seus acontecimentos sejam bem situados na imprensa. Periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando têm acontecimentos mais sensacionais, como grande número de mortos ou mudança no comando de uma favela.

A violência no Brasil é um problema social que amedronta a população. Percebe-se uma incompreensão em relação ao fenômeno, pois grande parte da mídia não contextualiza os conflitos de maneira mais elucidativa. O que se vê são representações estilizadas que isolam cada fato de uma rede de forças que misturam os diferentes segmentos sociais. O sensacionalismo predomina ao se falar de chacinas nas favelas e a violência perde sua dimensão social, cotidiana e sistemática, ao receber um tratamento comum por grande parte dos órgãos de comunicação.

Ao cobrir a violência, percebe-se que a mídia esquece personagens, fatos ou privilegia determinadas angulações, além de hierarquizar a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos. Locais que não oferecem um adicional simbólico não são capazes de fazer com que seus acontecimentos sejam bem situados na imprensa. Periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando têm acontecimentos mais sensacionais, como grande número de mortos ou mudança no comando de uma favela. Os diversos pontos de vista dificilmente são escutados e, geralmente, apenas fontes oficiais e boletins de ocorrência são privilegiados.

O corpus deste trabalho é constituído por dois livros-reportagem em seus modos de significar a questão da violência. “Abusado”, livro-reportagem de Caco Barcellos e “Cidade Partida”, livro-reportagem de Zuenir Ventura sobre a Chacina de Vigário Geral e suas conseqüências, em 1995, são livros que buscam uma abordagem diferenciada da temática da violência, dada a cobertura muitas vezes sensacionalista ou tendenciosa feita

pela grande imprensa ao assunto. Em livros como “Abusado” e “Cidade Partida”, a violência que o país vive *pode* ser mostrada em suas mais diversas camadas e possibilita evitar vícios como: a simplificação “mocinho” e “bandido”, em que policiais encarnam o papel de “heróis” em uma terra sem-lei; a discriminação de raças e/ou vinda de bairros periféricos; e imagens com propósitos exclusivamente apelativos.

Nesse trabalho, parte-se da hipótese de que o livro-reportagem estende a função do jornalismo convencional, comprometido com uma linha de produção de ritmo industrial e interesses mercadológicos e políticos já marcados. Com uma autonomia maior, o autor pode escolher a abordagem que considera mais próxima do real e, assim, poder apresentar os acontecimentos da maneira que julgar correta. O livro-reportagem pode ser constituído de temas que abordem um universo maior de fatos, com condições de produção que propiciem um tratamento textual que sirva de elo entre leitor e mundo, além de situar o tema em sua conjuntura mais própria.

Como dissemos, a análise dos livros será feita tendo como base os estudos de Análise do Discurso, que concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade como o deslocamento e a transformação de sentidos do homem e do meio em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Nos estudos discursivos não são separados forma e conteúdo e, ainda, procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas como acontecimento. Acontecimento aqui entendido como o encontro de uma atualidade com uma memória, sujeito portanto à interpretação. Assim, para Análise do Discurso, a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação); e a história é afetada pelo simbólico (já que os fatos reclamam sentidos, como afirma Paul Henry, 1994).

O objetivo dos estudos discursivos é compreender a língua não só como uma estrutura, mas como um acontecimento, um encontro da atualidade com a memória, como dissemos, em que entram os sujeitos, os sentidos, a historicidade, a ideologia. Como já destacado, a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma, pois, para significar, ela se inscreve na história. Ela é, pois, um sistema sujeito a falhas e, assim como a ideologia, que também é um ritual com falhas, estamos, quando trabalhamos com discursos, sempre atentos ao equívoco e ao jogo da interpretação.

O discurso não é apenas transmissão de informação, mas, como diz M. Pêcheux (1969), efeito de sentidos entre locutores. Também não há linearidade na disposição dos elementos de comunicação, como se a mensagem resultasse do envio de uma “mensagem” que passasse para outro sujeito que a “decodificasse” e depois respondesse etc. Na realidade, trata-se de um processo de produção de sentidos em que tanto o que “envia” (função autor) como o que “recebe” (efeito leitor) os sentidos faz parte desse processo de produção. Nada é inerte nesse processo. A Análise do Discurso vai compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, mecanismos, como parte dos processos de significação (ORLANDI, 2003). E a finalidade da análise de discurso não é estacionar na interpretação, mas compreender como os sentidos são produzidos em suas diferentes condições em que entram tanto os sujeitos como a memória dos sentidos.

A Análise do Discurso não procura um sentido verdadeiro, através de uma chave de interpretação. Não há uma verdade oculta atrás do texto, mas gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. A análise visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão implica explicitar como o texto organiza os

gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, para a produção de novas práticas de leitura.

A língua, assim, termina por fazer sentido, como um trabalho simbólico, parte de um trabalho social e geral, que constitui o homem e a sua história. Sob esse prisma, é possível entender que a língua é dita pelo sujeito que, por sua vez, é afetado pela história. Mostra-se, então, a relação entre a ideologia e a linguagem, com o real afetado pelo simbólico (afinal, os fatos pedem por sentidos) em sua relação com a ideologia. Não ocorre apenas uma transmissão de informações entre emissor e receptor, mas há todo um jogo de representações de sentidos, com a relação de sujeitos que se esbarram na história geral e particular de cada um.

O livro-reportagem do jornalista Caco Barcellos, “Abusado”, foca os bastidores do tráfico de drogas, comandado pelas corporações criminosas presentes nos morros cariocas. A partir dos relatos do traficante de drogas Juliano VP, Caco tece um panorama que mostra a história da ocupação do morro pelo Comando Vermelho, principal facção criminosa no Estado, e da implantação de sua disciplina. Ele reproduz, inclusive, a linguagem dos bandidos, e destaca o crescimento cada vez maior do número de miseráveis que testam o poder de fogo, armas e drogas.

Já o jornalista Zuenir Ventura frequentou a favela de Vigário Geral no Rio de Janeiro de 1994, para escrever o livro “Cidade Partida”, em que a violência impera no cotidiano das pessoas. Ao mesmo tempo, o jornalista acompanhou a mobilização da sociedade civil contra a violência, que resultou no movimento Viva Rio. A ideia cultivada nos anos 50 de uma “cidade de ouro” é contestada com a apresentação de dados que já manifestavam os sintomas de convulsão social que o Rio de Janeiro atravessa.

EXTERIORIDADE DISCURSIVA

A partir dos dois livros analisados, três categorias foram propostas para demonstrar as potencialidades inerentes a esta produção jornalística. A *exterioridade discursiva* se refere aos sujeitos, à situação e à memória. É o que em Análise de Discurso é chamado de “condições de produção”. Ela, em nosso caso,

diz respeito ao tratamento diferenciado dado pelos autores aos entrevistados que aparecem nos livros. Personagens capazes de demonstrar algumas de suas emoções de forma mais detalhada, sinalizando a identidade cultural. O texto dá voz ao “outro”, calado em textos que apenas ouvem vozes oficiais ou pesquisas de boletins de ocorrências. Vidas refletidas em textos que acentuam as motivações e visões que cada pessoa guarda no decorrer de sua existência.

Para a análise de discurso, o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando se pronuncia um discurso, age-se sobre o mundo, marca-se uma posição – ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório. Nos dois livros analisados, este discurso, entendido como prática, encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, necessitando do rompimento com certas estruturas discursivas para se chegar a ele. É preciso sair do especificamente explicitado, dirigir-se a outros espaços, para procurar fazer vir à tona o que realmente está significando ali.

Os sujeitos falam de um lugar social, mas o que funciona no discurso não é este lugar social, em si, mas sua projeção, por mecanismos imaginários, no discurso, produzindo as posições sujeito e os diferentes sentidos. E este lugar no discurso é governado por regras anônimas que definem o que pode e deve ser dito, as chamadas formações discursivas, que refletem as formações ideológicas. Para que as palavras tenham sentido é preciso que elas se inscrevam em formações discursivas. Somente nesse lugar constituinte o discurso vai ter um dado efeito de sentido. Se for pronunciado em outra situação que remeta a outras condições de produção, seu sentido, conseqüentemente, será outro. Podemos ainda considerar que a assunção da palavra se dá pela cena enunciativa, que se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos

lugares de enunciação no acontecimento, lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer (GUIMARÃES, 2002).

Para materializar o surgimento destes múltiplos relatos, presentes nas falas de cada personagem descrito nos livros-reportagem, as condições de produção dos autores possibilitam que eles façam uso de modalidades como a descrição, um modo de enunciação que tem por especificidade colocar o interlocutor em certa relação de interlocução que é a da sua inserção na perspectiva do espaço, na construção de uma cena, com o tempo “mostrado” (ORLANDI, 1989). É a descrição que faz surgir a cena enunciativa que sinaliza a identidade cultural dos envolvidos nos livros.

Barcellos cria o livro baseado no depoimento dos diversos personagens que aparecem nas páginas de “*Abusado*”. Embora Juliano tome lugar central na história e se transforme em protagonista, o uso de histórias de vida de muitos personagens tenta contextualizar a violência e o modo de vida de alguns moradores de Santa Marta. Caco Barcellos se “utiliza” da vida do traficante para dar um panorama das vivências e hábitos dos moradores do morro carioca.

Um único tiro atingiu a parte esquerda superior do peito, centímetros acima do coração. O impacto do projétil de altíssima velocidade lançou sangue contra o rosto do atirador Peninha. E jogou o corpo de Juliano dois metros para o lado, fazendo-o bater de cabeça contra o muro. Ele perdeu o equilíbrio, mais ainda conseguiu correr, até cair logo à frente no valão de águas pluviais, quase na porta da família amiga. Da mesma posição, mas com a lente dos óculos encobertas pelo sangue de Juliano, Peninha disparou novamente, mas errou o tiro que seria de misericórdia. E se afastou para buscar reforço. (...)

O médico trabalhou a tarde inteira para restaurar a parte superior do tórax de Juliano. No lugar dos ossos da clavícula, despedaçados pelo tiro, teve de instalar dois pinos de aço, para dar sustentação ao ombro a ao braço esquerdo. Em seguida, fez drenagem dos pulmões e abriu um orifício na traquéia para enfiar os tubos da respiração artificial (BARCELLOS, 2004: 281-287).

A cena toda é descrita de forma a sensibilizar o leitor, em um lugar organizado na enunciação, em que o enunciador olha e

indica o que vem antes e depois. Como explica Orlandi, é deste lugar que se organiza a posição voyeur do interlocutor, trazido para dentro do relato, de forma a desvendar o simultâneo presente no relato. Segundo a pesquisadora, o discurso direto que é utilizado no trecho funciona como um componente desta retórica do espetáculo que é instaurada pela descrição, um espetáculo que o tempo perde também suas determinações e pode ser qualquer um (ORLANDI, 1989).

INCOMPLETUDE

As contradições e a incompletude discursiva (que é o fato de que a questão dos sentidos é uma questão aberta) destacam os diversos aspectos envolvidos em um conflito. Elementos inseparáveis na constituição das condições de produção (o chamado “contexto”), como as dimensões econômica, política, sociológica, psicológica, afetiva e mitológica. O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em sua conjuntura para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia.

A unidade do discurso é um efeito de sentido, como Orlandi explica, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (1999, p. 15). Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado por vozes que o antecederam e que mantêm com ele constante relação, ora o legitimando, ora o confrontando. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – o sentido é relação a (L. Canguilhem, 1980). Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais dialogam.

O discurso é caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que não vemos. “Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência” (FOUCAULT, 2005, p. 171). Os discursos não revelam verdades, mas tomam sentidos de

certas interpretações, ocultando outras tantas, sem perspectivas dualistas ou simplificadas.

Nas entrelinhas do livro “*Cidade Partida*”, de Zuenir Ventura, há uma busca discursiva por essas contradições, rompendo com ideias consagradas como, por exemplo, a imagem da polícia. Recuperando a história do Rio de Janeiro, o jornalista chama o caso do general Amauri Krueel de escândalo precursor. “Ele não criou apenas o Esquadrão de Morte, mas também foi pioneiro na corrupção policial” (1995: 48). Era o protagonista de um dos maiores escândalos na história do Rio de Janeiro. Numa série de reportagens para o Mundo Ilustrado, o repórter Edmar Morel revelava, a partir da denúncia de dois comerciantes, que o chefe de polícia beneficiava-se, junto com o oficial de gabinete, o seu filho Nei Krueel, de nada menos que nove caixinhas.

Todos os membros do gabinete do general Amauri Krueel eram acusados de corrupção, do chefe aos oficiais. Davi, um bicheiro conhecido na praça, acusava Nei Krueel de receber dele 10 mil cruzeiros por dia. Francisco Amoroso, um dos maiores banqueiros de bicho na época e dono de cassinos clandestinos, se vangloriava de sua amizade com Nei: “Sou tão amigo quanto o Zica”. Zica, o rei da praça de Mauá, contrabandeava livremente e arrematava todos os leilões alfandegários graças às suas contribuições regulares à polícia (1995, p.: 49).

É necessário pensar a inter-relação entre violência e drogas em todos os âmbitos da sociedade. Qualquer abordagem sobre o assunto deve abrir espaço para o debate da função social que o tráfico e a violência vêm desempenhando. O jogo de interesses e os verdadeiros personagens envolvidos no tema. Mas, esse pensamento deve fugir aos estereótipos e tentar um diálogo com os diversos setores da sociedade e suas interações retroativas. Pensar que as partes compõem o todo, mas este também se insere em cada parte. Uma lógica sistêmica que liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. Um princípio discursivo, o das contradições e equívocos, que não exclua noções aparentemente opostas, que podem ser complementares.

DEONTOLOGIA

A *deontologia marginal* aponta as singularidades no tratamento dado entre criminosos. Práticas nem sempre tão compreensíveis a um primeiro olhar, os hábitos entre bandidos mostram códigos de conduta seguidos como regras por traficantes do morro. Trata-se de uma ética singular que serve de orientação às práticas que venham a ser realizadas nos diferentes lugares de uma cidade. Se em zonas nobres as pessoas vivem em condomínios fechados, coberturas de apartamentos ou mansões, nas periferias observa-se a vivência que é sintetizada nesse conceito³, demonstrando um pouco do modo de representação da realidade dos moradores dessas localidades. As pessoas convivem com normas de conduta ditadas pelos traficantes donos do morro, muitas vezes considerados os verdadeiros representantes do poder Executivo, dada a distância dos locais em relação ao poder público.

Zuenir Ventura analisou a deontologia marginal que percebeu no morro carioca de Vigário Geral como um sistema de regras totalmente diferente do da cidade. Há uma minoria de traficantes que domina o morro, detêm o poder. O poder militar que eles têm, além dos melhores armamentos, o poder econômico, e todo o poder financeiro, tudo isso é decorrente de um movimento intenso de dinheiro no tráfico de drogas. Em consequência, tem-se o poder político também.

Então o que acontecia os bandidos estabeleciam essas regras se você não infringir, se o morador não infringir, não delatar, não desobedecer às leis e prescrições, tudo bem, ele não é incomodado. Então é mais fácil entender isso que a prática da polícia que é o braço da lei. Os caras vão lá fazer cumprir a lei, para proteger o cidadão e você se surpreende às vezes com essa polícia tomando dinheiro, invadindo, tentando violentar menina (1995).

A forma como os policiais tratam os moradores do morro causa revolta e temor. Qualquer morador pode ter seu barraco arrombado se algum policial suspeitar que um traficante está escondido naquele local. Muitos moradores realmente oferecem abrigo a traficantes e chefes do tráfico porque simpatizam com

³ Termo extraído do livro “Cidade Partida”, de Zuenir Ventura.

eles e têm com isso algumas vantagens. Traficantes dificilmente dormem a mesma noite no mesmo local e para isso chegam a contar inclusive com a ajuda da população do morro. Essa é a forma encontrada para despistar a polícia.

Não há nos grandes meios de comunicação construções de mensagens jornalísticas que levem em conta toda esta representação a respeito da violência nos próprios morros do Rio de Janeiro. E aí está uma das grandes contribuições da Análise do Discurso, que deve observar os modos de construção do imaginário necessário para concretizar a produção de sentidos. Por não negar a eficácia material do imaginário, a análise torna visíveis os processos de construção de um sentido que, ainda que imaginário, é necessário e indica os modos de existência e de relação com o múltiplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção discursiva daí resultante difere do uso comum dos sentidos presentes nas palavras-chavões dos meios de comunicação, que reproduzem o já-dito de forma corriqueira, silenciando outras significações presentes nas falas dos personagens envolvidos. Os livros “Abusado” e “Cidade Partida” mostram a temática da violência, tráfico de drogas e crime organizado em uma perspectiva mais abrangente, que procura interligar os diferentes fenômenos da sociedade. Por isso, o livro-reportagem tem potencial para sair da esfera em que se encontra o jornalismo convencional, que pode apresentar trabalhos de qualidade semelhante, mas tem uma atividade diária que precisa se preocupar com prazos, concorrências e representações arbitrárias. O formato livro pode atingir o que chamaríamos de uma liberdade impossível de se conseguir na imprensa cotidiana contemporânea. Essa “liberdade” é a que constitui a possibilidade de um sujeito tornar-se autor do que escreve, ou seja, mergulhar na historicidade, desafiar o imaginário e aproximar-se do real.

É nessa produção jornalística que se pode desvelar algumas das características presentes na Análise de Discurso, daquilo que é entendido como um efeito de sentido. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – o da relação

da língua com a exterioridade, em que os sentidos se constituem face a diferentes condições e os sujeitos pela sua interpelação pela ideologia. É esse processo de produção de sentidos que é procurado dentro dos livros, ora apresentando os personagens, histórias de vida, espaços de enunciação, ora mostrando algumas das impressões dos próprios autores, demarcando a reconstrução discursiva deles em relação à nova realidade apresentada.

Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais se relacionam. Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem porque são atravessados por um mesmo modo de aparição, em seus diferentes funcionamentos: uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, Caco. *Abusado: o dono do morro da Santa Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CANGUILHEN, L. *Le cerveau et la pensée*, MURS, Paris, 1980.
- COIMBRA, Cecília. Mídia e modos de produção de existência. In: *Psicologia, teoria e pesquisa*, 2001. Disponível em: <http://www.unb.br/ip/ptp/indices/in1701.htm>.
- FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HENRY, P. “A história não existe?”, in *Gestos de Leitura*, Ed. Unicamp, Campinas, 1994.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1989.

ORLANDI, Eni.. *As formas do silêncio: movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1999

PÊCHEUX, M. *Analyse Automatique du Discours*, Dunod, Paris, 1969.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.